



VIOLÊNCIA ESCOLAR: desafios ao ensino e a aprendizagem

Janete Alves da Silva¹

Introdução

O tema violência está na pauta das discussões governamentais e tem sido motivo de preocupação de toda sociedade que se encontra acuada em meio a episódios aterrorizantes. De um lado temos aqueles que insistem em desrespeitar as leis instituídas pelo Estado, detendo grande poder na sociedade a ponto de ameaçar até mesmo as instituições constituídas e seu monopólio na distribuição da justiça.

De outro lado temos uma sociedade que não sabe mais a quem recorrer, e, no meio dessa confusão não há como deixarmos de deitar um olhar sobre uma instituição que até a bem pouco tempo estava imune à grande onda de violência que ocorria na sociedade. Estamos falando da escola, local onde os pais confiavam os filhos sem qualquer temor ou preocupação por longas horas, podendo, com tranquilidade se dedicar aos seus afazeres, com a confiança de que esta instituição poderia capacitá-los para o fim de sua formação como cidadão consciente de seus direitos e deveres.

Muito embora grande parte das assertivas acima corresponderem com a realidade, a escola já não é esta instituição tão pacífica como dantes e a violência da sociedade aos poucos vem adentrado os muros escolares e fazendo vítimas as mais diversas.

O respeito que deveria ser ensinado pelos genitores dentro dos lares parece que ficou superado por uma cultura de violência, onde filhos já não obedecem aos próprios pais e se sentem no direito de ditar normas dentro das escolas. O acatamento do mínimo de ordem e disciplina é essencial para o bom desempenho das atividades pedagógicas.

Assim, procuraremos demonstrar que a cultura da violência está presente na sociedade e a escola não mais está imune a seus reflexos, episódios de indisciplina e violência são

¹ Administradora de Empresas pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Pós-graduada em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). Graduada em Pedagogia pelas Faculdades Integradas de Paranaíba (FIPAR).

comum no cotidiano escolar, e professores e demais profissionais da educação estão desorientado diante desta nova realidade.

1. Conceituando Violência

Muito embora pareça uma palavra simples de se compreender, tendo em vista que a todo o momento somos bombardeados por episódios que conceituamos de “violentos”, a amplitude desse termo nos remete a uma análise mais acurada. Nesse contexto, Oliveira e Nunes (2008) nos oferece importantes subsídios para precisar seu alcance quando relata:

Fenômeno polissêmico e multicausal, a violência apresenta inúmeras modalidades e níveis, o que dificulta a elaboração de uma única definição que abarque o fenômeno como um todo. Resultante de múltiplas determinações, esse fenômeno se articula com processos sociais, que se assentam em uma estrutura social desigual e injusta (Macedo e col., 2001). Sua abordagem teórico-metodológica envolve saberes e práticas de várias áreas, demandando estudos multifocais, transdisciplinares e intersetoriais. (OLIVEIRA; NUNES, 2008).

O dicionário Aurélio não fornece muitos elementos para a compreensão do vocábulo, uma vez que se restringe a relatar mais as situações em que há sua ocorrência quando diz: “Violência. [...] 1. Qualidade de violento. 2. Ato violento. 3. Ato de violentar. 4, Jur. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação”. (FERREIRA, 1986, p. 1779, grifos do autor)

O termo violência abrange muitas outras conotações semelhantes que com ele não se confunde, assim, faz-se necessário traçar algumas diferenciações entre este, indisciplina e incivilidade. Assim, podemos dizer que

O conceito de indisciplina escolar apareceu na literatura acadêmica na década de 1980 e tem sido considerado de diversas maneiras, observados momentos e lugares. No âmbito escolar, o comportamento indisciplinado apresenta relações com a organização escolar, com as práticas pedagógicas, com a autoridade docente e, portanto, a indisciplina tornou-se um dos principais desafios para a escola (GARCIA, 2002, p. 381, apud LIMA; ARAÚJO, 2011, p. 26).

No entanto,

Para os professores, em alguns momentos, a indisciplina é entendida como um conjunto de determinadas contrariedades no cotidiano de suas práticas pedagógicas, resultantes de rupturas efetuadas por alunos, tanto em relação aos acordos formais da escola (particularmente na sala de aula), quanto no que diz respeito às expectativas sobre a conduta na escola. Por exemplo, desordens, ofensas verbais, atitudes de grosseria, enfim, aquilo que se caracteriza de forma geral, como “falta de respeito”. (JORGE; TIGRE, s.d., n.p.).

Apesar das conclusões acima, as autoras admitem a existência de opiniões dissonantes, uma vez que mencionam o teórico francês Charlot para quem

[...] denomina esse tipo de “indisciplina”, como incivilidade. De acordo com a caracterização proposta por Charlot (2002, p. 437), as incivildades se referem a condutas que se contrapõem às regras da boa convivência. (JORGE; TIGRE, s.d., n.p.).

Este desencontro terminológico é frequente até mesmo entre os educadores uma vez que

[...] alguns professores, quanto às condutas transgressivas dos alunos, taxando a indisciplina como violência. Ainda que em muitas ocasiões a violência e a indisciplina escolar aparecem associadas, são diferentes, uma vez que a indisciplina pode gerar violência, porém, as causas de uma e de outra conduta são diferentes. (LIMA; ARAÚJO, 2011, p. 27).

A atenção que deve ser dada à indisciplina é que ela

[...] tem se constituído em um problema não só para a escola, mas também para a família, particularmente se levarmos em conta que essas instituições são reconhecidas, socialmente, como as principais responsáveis pela educação de crianças e jovens na atualidade, e ambas enfrentam situações conflituosas no seu dia a dia que podem acabar gerando violência. (LIMA; ARAÚJO, p. 25, 2011).

O termo incivilidade também deve ser esclarecido, uma vez que, embora pouco utilizado, seja dever do estudioso compreender seu alcance.

As incivildades são rupturas das regras e expectativas tácitas de convivência, dos pactos sociais que perpassam as relações humanas e cujo sentido muitas vezes supomos seja de domínio público desde a infância. Assim, a conduta incivilizada é criticada pelos professores como ausência da influência educativa da família, por suposta responsável pela socialização primária dos seus filhos e pela sua formação nos esquemas básicos de civilidade. Assim, a queixa comum entre muitos professores sobre alunos que vêm à escola “sem limites” trazidos de casa, poderia ser traduzida como uma queixa sobre a ausência de padrões culturais básicos de civilidade derivados de alguma lacuna formativa devido à família. (GARCIA, apud JORGE; TIGRE, s.d., n.p.).

Pelas explicações acima nos leva a concluir que tanto indisciplina quanto incivilidade podem se desaguar em violência, pois são situações de desrespeito às regras que rompem com pactos explícitos ou tácitos para uma boa convivência. Abstraindo a questão conceitual podemos inferir que a violência não escolhe hora nem local, e a sua ocorrência em espaços

antes pouco prováveis tem despertado cada vez mais a atenção de estudiosos, uma vez que, sua ocorrência faz com que se tergiverse algumas atividades fins.

Assim, os traços distintivos desses termos necessitariam de um estudo específico, por hora nos ateremos aos conceitos acima para o fim de passarmos a compreensão da violência no espaço escolar, que atualmente é motivo de preocupação de estudiosos e educadores. É o próximo assunto pelo qual nos dedicaremos.

2. Violência escolar

A escola, considerada por muito tempo como o refúgio do saber, local onde os pais confiavam seus filhos por quatro horas ou mais, livres de qualquer temor ou medo, hoje não mais pode ser considerado este santuário imune às ocorrências antissociais do mundo externo.

A violência produzida extramuros cada vez mais tem invadido os espaços escolares resultando em espetáculos agressivos e injustificáveis, tendo em vista a peculiaridade do ambiente.

Salatiel relata o cotidiano escolar ao descrever “Cenas de alunos brigando entre si, agredindo professores ou sendo atacados por profissionais que deveriam ensiná-los são cada vez mais comuns nas redes sociais e em noticiários da TV”. (2013).

Essas ocorrências atípicas em um ambiente escolar interferem ativamente no processo ensino aprendizagem, professores e demais profissionais da educação se sentem acuados e perdidos diante desse quadro caótico de desrespeito e vandalismo. Nesse novo cenário educacional o que se vê

[...] são professores, diretores de escola, coordenadores pedagógicos e até funcionários confusos diante da ocorrência de indisciplina e de violência na escola e isso ocorre por não saberem lidar com o problema, o que costuma causar um desgaste ocupacional e uma tensão permanente nesses profissionais. (LIMA; ARAÚJO, 2011, p. 26).

Investigar as causas desse fenômeno cada vez mais ocorrente no cenário estudantil é uma preocupação na qual debruçam estudiosos e pedagogos sem, contudo, chegarem a uma conclusão satisfatória sobre como intervir ativamente para solucionar esta questão.

Em um ponto os educadores concordam, a violência da sociedade tem ganhado cada vez mais espaço nos ambientes escolares e dificilmente encontraremos uma escola totalmente pacífica em uma sociedade extremamente violenta.

A cada confronto armado que assistimos entre traficantes ou entre este e policiais, a mídia ressalta o poder de fogo daqueles que estão do outro lado da lei, e a população é uníssona em reconhecer uma polícia desqualificada e com armamento obsoleto para enfrentar tamanho poder de fogo. E assim, tanto os membros da corporação policial, quanto à população, gritam em um só coro “mais armas e com maior potência”.

O Estado, cedendo a estes apelos, cada vez mais busca a formação de uma polícia truculenta e bem armada, e, ninguém pensa em desarmar a bandidagem e em um segundo momento a polícia. Nesse contexto vemos um Estado altamente violento, com uma política de segurança elaborada e executada pelos seus órgãos que lhes introduziu uma violência desnecessária e impune.

A relação entre violência social e violência escolar parece simbiótica, pois a escola é um componente da sociedade que abriga parte de seus elementos por um curto espaço de tempo, hábitos forjados na família e fora dos bancos escolares são persistentes e adentram os espaços escolares. Nisso podemos ver a reprodução da violência também no ambiente escolar.

Por se tratar de ambiente dedicado ao ensino e aprendizagem, episódios que fogem ao bom desempenho dessas atividades é motivo de apreensão por parte dos profissionais da educação assim,

A violência na escola torna-se preocupante pelo fato de que enquanto espaço institucionalizado de desenvolvimento do indivíduo pela educação. Sendo esta um processo de sociabilização, de desenvolvimento intelectual, científico e filosófico do indivíduo. (Secretaria da Educação do Paraná, s.d., n. p.).

De acordo com Charlot (2002) propõe um sistema de classificação dos episódios e violência na escola na qual identificam três tipos de manifestação como: violência na escola, violência da escola, violência contra a escola.

Violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e as atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro local.

Violência da escola esta ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violência que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada com a violência da escola: uma violência institucional, simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas). (CHARLOT, 2002, p. 434 apud PRIOTTO; BONETI, s.d., p. 11119).

Desta forma, analisar a violência na sociedade no ajudará a compreender um pouco do que ocorre no contexto estudantil, é o que nos dedicaremos no próximo item.

3. Sociedade violenta

O incremento da violência ocorrido dentro da escola nada mais é do que o reflexo de uma sociedade violenta e excludente, que marginaliza um número considerável de pessoas, negando às mesmas o mínimo para uma existência digna. Também não podemos deixar de lado que certos valores que deveriam ser considerados alicerce para a construção de uma sociedade digna e sadia estão sendo corrompidos a todo instante e a ausência de referencial faz com que tudo seja resolvido pela força.

A sensação de insegurança atinge desde o mais simples cidadão até o grande empresário colocando em risco

[...] certas ‘garantias externas’ da legitimidade do Estado – isto é, a eficácia das agências de segurança pública e seu teor mais ou menos democrático – aponta, em última instância, para a profunda crise de autoridade amplamente reconhecida e, por isso mesmo, questão central da agenda pública. (SILVA, 2004).

Da constatação do autor já no ano de 2004, a crise parece estar apenas aumentando, uma vez que a violência atinge com espetáculos violentos certas cidades em que seus membros estavam acostumados com a monotonia e pacacidade.

A geografia urbana dão mostras da insegurança da população, pois onde antes eram apenas grades e muretas, hoje encontramos câmeras de vigilância, cercas elétricas e concertinas, bem como vigilantes de ruas ou bairros para fazer a segurança externa.

Se não fosse o bastante, a população clama por mais policiais nas ruas e penas mais rígidas para aqueles que infringem as leis. O Estado não sabe mais o que fazer, pois qualquer iniciativa exige investimento e a população considera as verbas arrecadadas mal empregadas bem a carga tributária escorchante.

Silva (2004), com muita perspicácia expressa bem essa sensação de insegurança da população ao relatar:

[...] a fim de explicar o sentimento de insegurança generalizada que está no centro da experiência de vida urbana na atualidade, esta perspectiva estabelece uma seqüência de nexos causais entre:

- a) uma crise de legitimidade do Estado;
- b) o enfraquecimento da capacidade de controle social por parte das agências estatais, em particular;
- c) o esgarçamento da ordem pública, devido ao mau funcionamento de suas "garantias externas";
- d) a ampliação do recurso à violência como meio de obtenção de interesses; e,
- e) a expansão e organização da criminalidade que recorre a este meio. (grifo do autor).

Nesse contexto há um impasse sobre a escolha de prioridades entre o cidadão e o Estado e, a todo o momento vemos a criação e o fortalecimento de milícias armadas que reivindicam uma fatia do poder estatal. De início agiam apenas dentro de presídios visando a proteção e segurança de seus membros, no entanto, devido ao grande poder adquirido e pelo enfraquecimento do Estado, já demarcaram território até mesmo em outros países da América latina. Novamente o autor acima resume esta sensação ao dizer que:

Trata-se, portanto, da imputação de uma cadeia causal que explica a desconcentração da violência física (o uso generalizado de violência pelos criminosos indica que o Estado perde seu monopólio de fato, embora mantenha-o formalmente) por processos estritamente internos à própria ordem estatal, considerada como padrão universal de sociabilidade. Nesta lógica, aquilo que era inicialmente objeto da atenção, posto pela vivência da insegurança cotidiana – as práticas ameaçadoras de agentes definidos como criminosos comuns violentos – agora reaparece como resultado ou consequência mecânica de relações sociais "desencaixadas" (Giddens) das próprias condutas criminais e apresentadas como explicação destas. O momento de "reencaixe" pelos criminosos do sistema político-institucional aparece como simples correia de transmissão daquelas relações, já que é visto como gerando uma simples conduta desviante, expressão da ausência de uma sólida sustentação dos parâmetros normativos nas áreas urbanas. Fundamentado neste esquema explicativo, desenvolve-se, como é mais do que sabido, um amplo debate sobre propostas de intervenção corretiva, todas girando em torno da atividade regulatória e das políticas substantivas do Estado. (SILVA, 2004).

Um contraponto importante para a contenção dessa escalada da violência é a família, pois cabe a esta

[...] a tarefa de educar estabelecendo limites desde cedo nas condutas infantis e, a escola, que não é neutra, complementa essa formação escolarizando a criança ou o adolescente – por meio das normas e regras, a escola contribui para a disciplina. O que se faz necessário é a compreensão da necessidade do cumprimento das normas e regras pelas crianças, mas há que se oferecer a possibilidade de reflexão, diálogo e participação, o que contribui para integrar os alunos à escola e, ao mesmo tempo, desenvolver o sentimento de pertencerem ao grupo e à instituição. (LIMA; ARAÚJO, 2011, p. 25-26).

No entanto, muito embora uma política de passividade seja uma necessidade urgente e premente, vemos poucas iniciativas nesse sentido. Assim, para isolar os alunos da violência,

tentam criar barreiras arquitetônicas, no entanto, até mesmo os muros e grades não estão conseguindo proteger os educando para que os mesmos possam se concentra nos estudos e blindá-los de cenas de violência que ocorrem até mesmo nas proximidades das escolas.

A preocupação com esse cenário caótico de violência e que vem adentrando o ambiente escolar e que serviu de motivação para a elaboração deste ensaio foi uma cena que chamou atenção dos noticiários recentes e deixaram todos os pais de alunos estarecidos, sem falar da apreensão de professores e demais profissionais da educação.

O fato foi a reportagem do caso que sucedeu no Rio de Janeiro, quinta feira, dia 30 de março do corrente ano em que uma adolescente de 13 anos morreu dentro da Escola Municipal Jornalista Daniel Piza, em Fazenda Botafogo, Zona Norte do Rio.

Muito embora o pronto atendimento do corpo de bombeiros, quando a ambulância chegou ao local a vítima já se encontrava sem vida. A causa da morte foi devido ao fato de a mesma ter sido atingida por disparo de arma de fogo, em meio ao fogo cruzado no confronto entre policiais e bandidos. (PORTAL DE NOTÍCIAS G1, 2017).

Ser vitimada pelo tipo de violência acima ninguém está imune, ademais, a estudante pode ter sido alvejada até mesmo por disparos da própria polícia, uma vez que pelo noticiário houve confronto entre esta e bandidos fortemente armados.

Dessa forma, a população está enfrentando a violência da ação dos bandidos e da repressão policial e o clamor social é por uma polícia mais bem armada, como acima demonstrado. Uma política séria de desarmamento não faz parte das agendas estatais. A população se encontra perdida e esta violência invade os lares, estabelecimentos comerciais e nem mesmo as escolas ficam imunes a essas transformações sociais.

Após uma breve incursão sobre o conceito de violência, termo polissêmico, muito mais sentido na prática do que compreendido, uma breve análise acerca de suas repercussões no cotidiano escolar, desembocando preliminarmente que uma sociedade altamente violenta não pode formar cidadãos totalmente pacíficos, acreditamos que estamos familiarizados com o tema para começarmos a traçar nossas considerações.

Considerações finais

A violência tem transformado a geografia das grandes cidades e até mesmo as pacatas cidades do interior já sentem os reflexos dessa nova realidade. Onde antes encontrávamos um cenário acolhedor e descontraído foi sendo substituído por telas e grades.

A arquitetura das escolas também sofreu os efeitos dessa nova realidade, pois os muros foram levantados e cada vez mais se pensa em dispositivos de segurança para a proteção dos alunos, professores e demais profissionais da educação.

Pelas conclusões que a pesquisa nos pôde fornecer é que, por mais que se queira criar a sensação de segurança por meio de mecanismos exteriores como cercas elétricas, câmeras, vigilantes e demais aparatos, o problema se encontra no ser humano e em uma cultura de violência sem pensar nas consequências nefastas que isto pode gerar.

O aluno não aprende a ser violento na escola, poucos são os fatos neste local que podem induzir uma cultura de violência, o que ocorre na maioria das vezes é que o mesmo já vem de famílias e de um meio social em que a prática da violência é natural. O desrespeito com os pais vai se estender aos professores, ou seja, se os pais não colocaram limites dentro dos lares, dificilmente a escola, que deve formar não educar, vai conseguir inculcar esta prática.

Sabemos que a disciplina e o respeito às normas são essenciais ao bom aprendizado, no entanto, estas estão se sucumbindo frente a escalada de indisciplinas e violências que já adentraram as salas de aula.

É importante mencionar que a instituição escolar também pode ser a promotora de violências e descumprimento de normas quando lança mão de seu poder para impor normas totalmente despropositadas e sem fundamento, com pouca participação e discussão com os maiores interessados.

Também temos a violência praticada pelos alunos contra o estabelecimento de ensino com depredações, pichações e demais atos de vandalismo.

E por último, ainda de acordo com a clássica classificação de Charlot temos a violência na escola, cujo espaço foi aleatoriamente escolhido de uma violência que poderia ser perpetrada em qualquer outro local.

Assim, podemos concluir que estamos cercados de violência por todos os lados, sociedade violenta, compostas de pessoas violentas, que pedem por mais violência para tentar solucionar o problema.

Sem dúvida algumas destas são alguns desafios do educador do século XXI, saber lidar com estas transformações sociais sem perder o amor e a devoção ao ensinar.

E, para terminar este ensaio, muito embora conscientes que uma resposta satisfatória para tão tormentoso desafio demandaria trabalho de muito maior fôlego resta apenas uma indagação: até que pontos nossos filhos estão seguros dentro da escola?

Referências

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. 2. ed. Nova Fronteira, 1986.
- JORGE, Sônia Regina de Moura, TIGRE, Maria das Graças do Espírito Santo. Indisciplina, incivilidade e violência na escola: causas, conceitos e possibilidades de enfrentamento. *Educação dia a dia*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>>. Acesso em: 01 jun. 2017.
- OLIVEIRA, Roberval Passos de; NUNES, Mônica de Oliveira. Violência relacionada ao trabalho: uma proposta conceitual. *Saúde Soc.*, V. 17, n. 4, São Paulo Oct./Dec., 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 22 de mai. 2017.
- PORTAL DE NOTÍCIAS G1. Adolescente morre baleada dentro de escola no Rio; motoristas são atacados durante protesto: De acordo com Corpo de Bombeiros, ao chegar no local, menina já estava morta. Polícia afirma que havia troca de tiros na região. Disponível em <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/adolescente-morre-baleado-dentro-de-escola-na-zona-norte-do-rio.ghtml>>. Acesso em: 08 maio 2017.
- LIMA, Aires David de; ARAÚJO, Elson Luiz de. Indisciplina escolar e violência. In. PRADO, Alessandro Martins, BATISTA, Claudia Karina Ladeia, et. al. (Org.). *Práxis educacional, direitos fundamentais e política*. Curitiba: CRV, 2011.
- PARANÁ. Secretaria da Educação do Paraná. Enfrentamento à Violência na Escola. *Dia a dia Educação*. Disponível em: <<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br>>. Acesso em: 30 maio 2017.
- PRIOTTO, Elis Palma; BONETI, Lindomar Wessler. Violência escolar: na escola, da escola e contra a escola. *UNOESTE-PUCPR*. Disponível em: <<http://www.pucpr.br/eventos>>. Acesso em: 10 maio 2017.
- SALATIEL, José Renato. Violência nas escolas: das ruas para a sala de aula. *Vestibular UOL 2013*. Disponível em: <<https://vestibular.uol.com.br>>. Acesso em: 22 maio 2017.
- SILVA, Luiz Antonio Machado da. Sociabilidade violenta: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Soc. Estado*. Vol.19, n.1, Brasília Jan. /June, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 24 maio 2017.